

Georges
Balandier

Reflexões Prospectivas sobre as Ciências do Homem

As disciplinas que se ocupam da sociedade e do homem assumem, nos nossos dias, estatuto de ciências. No entanto, ainda se duvida da sua validade; ao mesmo tempo, receiam-se por vezes as suas aplicações. Como pode definir-se, em linhas gerais, o seu estado actual? Como pode antever-se o seu futuro, tendo presentes as tendências que, nelas e no mundo, se desenham?

I

SITUAÇÃO E TENDÊNCIAS ACTUAIS

A nova fase de evolução do pensamento científico caracterizar-se-á pela constituição, sob a forma de Ciências, das disciplinas que se ocupam do Homem e das suas obras colectivas. Trata-se, aliás, de uma velha reivindicação: já no século XVII, HOBBS concebia uma «física social», cuja finalidade seria revelar as forças mecânicas operantes no interior dos sistemas sociais. Ao longo do tempo, a reivindicação manteve-se — e hoje o objectivo aproxima-se, se ainda não foi atingido. Em França, as Ciências Humanas foram oficialmente reconhecidas sob esta designação, uma «Maison des Sciences de l'Homme» será edificada em Paris e certos especialistas — procedendo por antecipação — dão aos seus grupos de estudo o título de «laboratórios».

N. da R. — Tradução, devidamente autorizada, do artigo *Réflexions Prospectives sur les Sciences Sociales et Humaines*, publicado na revista *Prospective — Publication du Centre d'Etudes Prospectives (Association Gaston Berger)*, n.º 10, Dezembro de 1962 (Paris). Os títulos das duas partes do artigo não figuram no original.

Subsistem, no entanto, ambiguidades na situação presente. Vários representantes das Ciências da Natureza não ocultam o seu cepticismo acerca das pretensas Ciências do Homem. Ao mesmo tempo, e num sentido oposto, manifestam-se claras inquietações a respeito das aplicações *actuais* dessas contestadas Ciências — por exemplo, quanto aos métodos de intervenção psicológica, ou quanto às técnicas de organização das empresas e de direcção do trabalho. A curiosidade científica parece mais perigosa ao tomar por objecto o Homem, do que ao pretender descobrir as leis da Natureza. E os «engenheiros» da sociedade e do homem social afiguram-se, mais ainda que os engenheiros das técnicas nucleares, os representantes modernos do aprendiz de feiticeiro.

É hoje fácil provocar a emoção futurista. Demasiado fácil e, por isso mesmo, perigoso. A mais elementar das regras de prudência incita-nos a avaliar, antes, a situação destas Ciências (e das técnicas por elas induzidas), a que tantos poderes actuais ou potenciais são reconhecidos. Adoptemos, pois, essa regra, a fim de caracterizar o estado presente das Ciências do Homem e de exprimir as suas tendências dominantes. Antes do mais, importa situá-las umas em relação às outras.

1. Estas disciplinas não são contemporâneas da mesma forma. Sofreram uma evolução, durante a qual se modificaram, diversificaram e entraram em concorrência entre si. Uma são tradicionais e representaram, no passado, os instrumentos da cultura humanística; as outras são modernas e pretendem-se rigorosas à imagem das Ciências — mesmo quando (é o caso da Antropologia Social) se apresentam como formadoras de um novo humanismo. As primeiras sofreram, aliás, o embate das segundas e, em consequência dele, registaram recuos momentâneos ou transformações profundas. A dúvida provocante: «porquê filósofos?», há anos lançada, é sob este ângulo reveladora. Não anuncia, porém, a morte da Filosofia. Pelo contrário: são-nos mais do que nunca necessários este conhecimento dirigido para as significações últimas e os instrumentos intelectuais por ele elaborados; o mundo em mutação onde vivemos impõe-nos a busca do significado profundo das suas transformações e obriga-os à modernização do nosso equipamento lógico.

Por outro lado, certas disciplinas, durante muito tempo concebidas como privilégio de eruditos, puderam construir-se sob forma científica e servir de «modelo» a Ciências Sociais de criação recente. Tal é o caso do estudo da linguagem e das línguas, donde brotou a Linguística moderna. Esta última — enquanto investigação sobre os «sinais», as estruturas e os processos da comunicação — veio a inspirar iniciativas teóricas e metodológicas, que respeitam à Antropologia Social e à Sociologia. DE SAUSSURE,

fundador da Linguística científica, aparece por isso, hoje, como inspirador ou guia de investigadores que se aproximam mais uns dos outros, pela sua comum adesão a um dado método, do que por cultivarem a mesma disciplina.

2. A lei de complexidade crescente e de progresso pela especialização rege todas as Ciências, tanto as do homem e da sociedade, como as «outras». O desmembramento das disciplinas humanísticas coincide com o nascimento, o desenvolvimento e a diversificação das Ciências Humanas e Sociais. Presentemente, a situação é tal que todas ou quase todas estas «repetem», uma a uma, as especializações verificadas nas disciplinas parentes ou vizinhas. Considerando os grandes domínios da actividade colectiva — técnico-económico, político, religioso e cultural —, verifica-se que esses sectores fundamentais determinaram largamente a diferenciação interna da maior parte das Ciências do Homem, quer se trate da Sociologia, quer da Antropologia Social, da História ou da Geografia. Cada uma delas pode abarcar, segundo o seu próprio método e a partir do ponto de vista que a define (sociedade, cultura, período temporal, quadro espacial), o mesmo conjunto de fenómenos. Desta forma, a especialização, que leva ao sucessivo desdobraimento de cada Ciência e ao recuo da investigação geral perante as investigações especiais, facilita simultâneamente as relações entre especialistas de disciplinas confinantes, interessados em factos da mesma natureza. Um exemplo: o estabelecimento de paralelismos entre estudos de Ciência Política, de Sociologia e de Antropologia Social já hoje está a contribuir para uma interpretação mais correcta dos fenómenos políticos; noções como as de poder, de equilíbrio político, de democracia, de partido e outras vão-se rigorizando e enriquecendo, graças a tal comparação.

Noutra perspectiva, o confronto de investigações incidentes sobre o mesmo tipo de factos, mas em contextos diferentes e sob diferentes ópticas, suscita a renovação das teorias e dos conceitos que antes se afiguravam mais sólidamente fundados. É o caso da Ciência Económica que — a partir das investigações antropológicas sobre as economias tradicionais da África e da Ásia (com as formas particulares que aí assumem a produção, a troca, a acumulação e o consumo das riquezas) e das análises sociológicas sobre as condições sociais do desenvolvimento — foi levada a integrar novos aspectos e a modificar certos procedimentos analíticos. Algumas obras recentes de larga difusão — como as de G. MYRDAL e de W. ROSTOW — manifestam claramente esta «socialização» do pensamento económico, a partir do exame dos problemas do crescimento.

Todavia, a cooperação entre disciplinas distintas e internamente muito diferenciadas pode estabelecer-se em um nível ainda

mais profundo. Trata-se, então, do parentesco resultante da própria forma como são abordados os fenómenos humanos e os factos sociais, isto é: da adesão a um mesmo *método* de interpretação. É assim que a chamada *análise estrutural* reúne antropólogos, linguistas, mitólogos e matemáticos que se dedicam ao exame da lógica das matemáticas modernas. Ao mesmo tempo, a utilização do *método dialéctico*, em análise dinâmica, provoca o frutuoso encontro de filósofos, sociólogos, historiadores e economistas e tem mesmo levado a uma aproximação entre as Ciências do Homem e as Ciências da Natureza. Assim, na sua última obra, intitulada *Dialectique et Sociologie*, o sociólogo G. GURVITCH dá grande relevo aos trabalhos teóricos dos físicos modernos. A sua argumentação serve-se, nomeadamente, das investigações de Niels BOHR e de Louis DE BROGLIE, para ressaltar certas semelhanças de método que se revelam nas Ciências Exactas e nas Ciências do Homem.

Mas as aproximações não se efectuam sem dificuldade. Nos países socialistas, a diversidade das afinidades científicas apagou-se perante uma unidade de acção científica imposta, ao menos aparentemente, pela referência oficial ao materialismo histórico. Noutros países, a livre competição entre as «escolas», a contínua segmentação das disciplinas e por vezes a excessiva especialização suscitaram, com aspectos de urgência, o problema da *integração* das Ciências do Homem: como ligar entre si os contributos das várias disciplinas? a que nível apreender os sistemas de factos significativos? Procurando responder a este problema, a Filosofia tentou reencontrar a sua vocação original e satisfazer a nostalgia da unidade intelectual perdida. De HEGEL a MARX e a J.-P. SARTRE, as filosofias da totalidade (isto é: do conjunto das relações naturais e culturais concernentes ao Homem) e da totalização (ou seja: do movimento histórico que incessantemente compõe e decompõe as estruturas socio-culturais) esforçaram-se por satisfazer essa aspiração. No entanto, a Filosofia moderna parece ter conduzido a melhores resultados na reflexão sobre as Ciências — exemplo: a obra de Gaston BACHELARD —, do que na procura de uma integração dos conhecimentos especializados.

Periódicamente, esta última tarefa tem sido também reivindicada, sob o risco de suscitar acusações de «imperialismo», pelas Ciências do Homem com vocação de síntese. A Sociologia e a Antropologia Social, salientando a função unificante da *praxis* colectiva, a História, sublinhando a unidade interna de cada período histórico, e em certos aspectos a própria Geografia Humana, destacando a paisagem como síntese da acção comum em um dado quadro natural, aventuraram-se a tentativas mais ou menos discretas. A mais ambiciosa continua, aliás, a ser a de Auguste

COMTE, que pretendeu fundar a Sociologia como «ciência das ciências».

O debate permanece aberto. Regularmente, o problema da elaboração de uma Ciência Social *unificada* volta a pôr-se; e a noção de *integração* das disciplinas especializadas chegou a adquirir, durante algum tempo, o carácter de verdadeiro «fétiche», conforme a expressão do antropólogo norte-americano A. L. KROEBER. Como as tentativas efectuadas não tiveram êxito, por motivos facilmente apreensíveis, os esforços tendem hoje a desenvolver-se no sentido de provocar uma convergência de iniciativas, uma cooperação *interdisciplinar*. Surgem mesmo instituições com este objectivo, sejam «conselhos nacionais de investigação em Ciência Social», sejam organizações federativas, como a «Maison des Sciences de l'Homme», que tentará agrupar em Paris centros de estudo de Ciências Sociais e Humanas, incluindo as Matemáticas Sociais.

3. As Ciências do Homem foram, durante muito tempo, encaradas como disciplinas mais sensíveis aos aspectos qualitativos do que aos aspectos quantitativos dos fenómenos, mais dirigidas à «qualidade» do que ao «número». Ora, há que assinalar aqui uma inversão de tendência. Por um lado, esta deve-se à influência provocante das disciplinas que se apresentam dotadas de mais nítido cunho científico, quer porque abordam os fenómenos sob o aspecto da quantidade (quantidade de homens na Demografia, quantidade de bens na Economia) e sujeitam os dados recolhidos à prova de técnicas complexas, quer porque permitem exercer um domínio sobre o real (definindo modos de acção racionais) e sobre o futuro (traçando perspectivas de evolução a mais ou menos longo prazo). Por outro lado, porém, essa inversão de tendência acentuou-se em razão das novas relações estabelecidas entre as Ciências do Homem e as Matemáticas, a despeito das advertências de Auguste COMTE, que, no seu *Cours de Philosophie Positive*, tinha denunciado o carácter «precário e estéril» de tal aproximação.

A Geografia Humana, a História, a Psicologia experimental, a Psicologia Social e a Sociologia recorrem à medida e a técnicas estatísticas adequadas às suas possibilidades e necessidades. O método do questionário e da sondagem permite «testar» fenómenos tão diferentes como a prática religiosa, as atitudes operárias, as reacções colectivas nos grandes conjuntos urbanos, as características de um mercado potencial, as opiniões políticas, etc. Mas tais processos não são mais do que, poderá dizer-se, as manifestações *primitivas* da relação estabelecida entre as Ciências do Homem e as Matemáticas estatísticas ou o Cálculo das probabilidades. Relações mais estreitas (ou melhor: menos instrumen-

tais) e altamente complexas instauram-se a partir do momento em que as várias disciplinas conjuntamente se aplicam a precisar uma *estratégia da decisão*, no quadro da investigação operacional. Ao mesmo tempo, o recurso ao método dos *modelos* — a fim de esquematizar sistemas de relações, quer entre grupos sociais, quer entre indivíduos, quer entre bens produzidos, símbolos ou sinais — abre um novo campo de colaboração, que aliás já incitou certos matemáticos — designadamente G.-T. GUILBAUD, em França — a tentar a constituição de uma Matemática Social, a partir dos dados da topologia, da teoria dos conjuntos e dos grupos. Trata-se de uma frente avançada de iniciativas, ainda situadas fora de todo o conformismo.

No que se refere às técnicas grosseiras de sondagem e de quantificação, é fácil evidenciar a magreza dos resultados adquiridos, a desproporção entre os meios utilizados e as certezas conseguidas. O sociólogo norte-americano Pitirim SOROKIN, denunciando as ilusões e fraquezas da Sociologia (sobretudo nos Estados Unidos), criticou, com *verve* e razão, os abusos da «testomania» e da «quantofrenia». Deve, no entanto, observar-se que foi com a preocupação de chegar à prática, isto é: a uma *aplicação* das Ciências do Homem, que esses métodos impugnados se desenvolveram inicialmente. Tal preocupação correspondia, de resto, à intenção dos fundadores — de SAINT-SIMON, de Auguste COMTE, de Karl MARX, e também de Max WEBER, que tanto se interessou pelas relações entre «o sábio e o político», e de Émile DURKHEIM, que pretendia pôr a Sociologia ao serviço do progresso da sociedade. Para eles, a Ciência Social devia estar na base da Política. Para os seus sucessores, na actualidade, o domínio da Ciência Social *prática* é sobretudo o das micro-aplicações: de facto, técnicas de carácter estatístico são utilizadas em quadros restritos (empresa, bairro de uma cidade, «população» de uma universidade ou de uma administração, etc.) e conduzem a resultados tanto menos vulneráveis, quando mais contidas são as suas ambições. É claro que não oferece dificuldade salientar as grandes limitações de que sofrem tais resultados. Simplesmente, este facto não basta para desacreditar *todas* as investigações que procuram ligar as Ciências do Homem e as Matemáticas. Importa, na verdade, destringer as utilizações *de rotina* — quer dizer: as que se encontram à disposição da prática social no *actual* estado das disciplinas e dos conhecimentos — e as utilizações *inovadoras*, que se inspiram na lógica das Matemáticas modernas, para imprimir maior segurança às Ciências Sociais e Humanas. Umhas são meramente gestionárias; as outras aplicam-se a procurar o rigor e a eficácia científica.

4. O avanço científico não resulta apenas de uma série de acções deliberadas: é também imposto do exterior. Sob este ân-

gulo, importa destacar, no atinente às Ciências do Homem, as incidências das profundas alterações registadas nos *métodos da informação científica* (colheita, conservação e tratamento). Uma autêntica viragem está em curso: passa-se de uma fase caracterizada por uma *reflexão metódica* «alimentada» por factos escassos, a uma fase em que domina uma *interpretação científica* de factos numerosos e em rápida acumulação. Os progressos da análise do conteúdo, da análise temática, da semeiologia, conduzem a uma nova concepção da documentação científica. O tratamento mecânico das informações permite «concentrar» os dados e determinar correlações múltiplas.

Produz-se, deste modo, uma pequena «revolução», determinada pela própria ordem das coisas. De facto, as Ciências Sociais e Humanas encontram-se, simultâneamente, demasiado desenvolvidas e pouco desenvolvidas. Por um lado, acumularam uma documentação demasiado vasta, para poder ser eficientemente utilizada por processos elementares; por outro, e em sentido contrário, descuidaram certos conjuntos de factos e os seus métodos de análise e de explicação permanecem vulneráveis. O problema central destas Ciências reside, pois, na selecção da documentação e na exploração metódica e total da documentação seleccionada. Os métodos modernos de classificação e o recurso às máquinas electrónicas visam satisfazer esta dupla exigência. Um exemplo hipotético ilustrará estas observações. O conjunto das informações respeitantes às economias africanas tradicionais e modernas, tribais e nacionais, é extenso: vários milhares de títulos. Essas informações são de valor desigual e comportam lacunas. Simplesmente, parece inviável extrair delas os ensinamentos científicos e práticos que comportam, sem recorrer a novos meios que permitam considerá-las na sua totalidade. A selecção, a concentração dos dados seleccionados e o tratamento sistemático com vista à identificação de correlações (entre estruturas económicas e estruturas demográficas, sociais, etc.), são as etapas *necessárias*, que os novos processos mecânicos permitiriam levar a cabo.

No mesmo sentido actuam as iniciativas dirigidas a reduzir a parte da linguagem verbal (e das suas aproximações) e a alargar a parte dos *modelos* e da representação simbólica dos sistemas de relações. Tem-se o direito de esperar, de tais iniciativas, um acréscimo de rigor e a realização de condições que permitam uma experimentação aproximada. Não podendo fazer experimentação sobre sociedades ou grupos sociais reais, o investigador opera sobre os modelos, observa as consequências da sua intervenção e procura na realidade (presente ou histórica) a validação da sua análise. Com efeito, pode-se construir, por exemplo, o modelo das estruturas características de uma dada economia tradicional, e procurar, a partir de tal modelo, as incidências em cadeia de «acontecimentos»

que afectem essas estruturas: por exemplo, modificações na divisão do trabalho, penetração ampliada da moeda e de artigos de produção industrial, etc. Um procedimento desta índole reforça a exactidão da análise e permite prever os resultados prováveis de uma determinada intervenção. Sem excluir outros métodos, a utilização de modelos encaminha, portanto, a investigação para uma exactidão maior.

5. Um último ponto que interessa salientar é que algumas das Ciências do Homem e a própria evolução geral do mundo nos impelem a ver sob nova luz as nossas relações com as civilizações extra-europeias, digamos *as nossas relações com o exótico*. De facto, a Antropologia Social, a Etnologia e a Sociologia Comparada elaboraram técnicas que podemos dizer de «desenraizamento» (*dépaysement*), porque nos ensinam a encarar como um fenómeno *estranho* — ou seja: como um fenómeno cujo sentido carece de ser descoberto —, não somente as sociedades, melanésicas ou africanas por exemplo, a que não pertencemos, mas também as sociedades industriais, de que fazemos parte. Tais Ciências ajudam-nos, desta sorte, a recuperar a virtude criadora do «espanto científico» e, ao mesmo tempo, através das comparações que nos facultam, oferecem-nos a possibilidade de captar, por detrás da diversidade das criações colectivas, as identidades profundas do espírito humano e as propriedades comuns de toda a vida social viável.

No entanto, o «desenraizamento» opera ainda noutro plano e mediante um processo que evoca o paradoxo. Efectivamente, na medida em que as sociedades «exóticas» tendem a aproximar-se das nossas, pela assimilação de elementos técnicos e pela manipulação de instrumentos e bens semelhantes aos que utilizamos; na medida também em que a sua vontade de desenvolvimento se afirma — algumas das nossas certezas científicas são abaladas. As Ciências Sociais e Humanas foram, na sua maior parte, elaboradas a partir de um experiência e de uma história limitada: a experiência e a história do Ocidente. Por isso, desde o momento em que as suas teorias, os seus métodos, as suas técnicas de aplicação começam a ser exportados, as dificuldades surgem. Descobre-se, então, que o seu alcance não é ainda universal. Basta formular esta verificação de um modo concreto, a partir de um exemplo, para que a sua evidência ressalte: a Ciência Económica foi capaz de dominar intelectualmente os problemas suscitados pela crise de 1929, mas mantém-se ainda inapta para dominar a problemática do desenvolvimento nos países de economia retardada. Poder-se-iam, aliás, fazer observações análogas, a propósito da situação da Ciência Política em face dos fenómenos políticos

específicos dos novos Estados, bem como a respeito de outras Ciências Sociais e Humanas.

6. Aos saltos, através de erros e correcções e por necessidade emergente de numerosas solicitações de aplicação, estas disciplinas continuamente se reforçam, desde há cerca de trinta anos. Subsistem, porém, dúvidas a seu respeito e a sua situação especial é frequentemente mal interpretada. Na prática, o principal debate concerne as suas possibilidades de verificação e de experimentação. Como provar que não se limitam a construir sobre palavras? No seu domínio, a experimentação, concebida à imagem da que efectua as Ciências da Natureza, é impossível — quer por motivos que algumas destas últimas também conhecem (desde que o Homem está em causa, a intervenção *in vivo* depara fronteiras insuperáveis), quer por razões respeitantes à subjectividade do investigador, que não pode impedir-se totalmente de ser, ao mesmo tempo, juiz e parte interessada, quer, finalmente, porque toda a acção referente ao Homem ou à Sociedade assume, em última instância, uma significação *política*.

Todo o esforço das modernas Ciências do Homem se orientou no sentido de tornear estas dificuldades. Em primeiro lugar, praticam a experimentação em escala reduzida. Sirva de exemplo o estudo dos «grupos restritos», mediante utilização das técnicas sociométricas, que de resto ultrapassaram as fronteiras dos «laboratórios» e procuraram aplicação em vários domínios, nomeadamente no interior das empresas. Em segundo lugar, é uma experimentação, imperfeita embora, o que se efectua, quando as Ciências do Homem intervêm para preconisar ou definir uma acção, mais racionalizada ou mais eficaz, baseada nos seus conhecimentos actuais. Em tais circunstâncias, elas orientam as decisões e podem chegar a verificações parciais. Esta relação, ainda precária decerto, entre investigação e aplicação transparece já em numerosos sectores da actividade colectiva: organização das empresas e das administrações, ordenamento urbano e regional, alteração das motivações de um público ou de uma população, etc. Finalmente, não devem ignorar-se os procedimentos permissivos de uma experimentação *indirecta* ou *simulada*. No primeiro caso, trata-se da possibilidade de examinar, com método científico, as decisões importantes tomadas por diversos «agentes» (autoridades políticas, empresários, etc.), apreender as consequências próximas de tais intervenções e efectuar uma verificação grosseira a curto prazo. Encaradas sob esta óptica, uma alteração constitucional, uma reforma escolar e, noutra escala, um método de descolonização constituem «experiências» que o investigador não provoca e não controla, mas das quais pode extrair ensinamentos. No segundo caso, trata-se da viabilidade de encontrar um sucedê-

neo da experimentação directa. A este respeito, já mencionámos o recurso ao método dos modelos; mas convém acrescentar que os processos cibernéticos e os meios mecanográficos melhoraram o rendimento das investigações deste tipo.

Para além destas observações, há um outro facto determinante, que importa relevar. As evoluções recentes modificaram por completo as condições de observação do Homem, enquanto indivíduo e enquanto membro de sistemas sociais complexos. De facto, *todas* as sociedades se encontram, no presente, em estado de transição, sob o impacto dos progressos técnicos, das modificações de regime e de estrutura (países socialistas), e dos processos de desenvolvimento económico (países do «terceiro mundo»). Esta situação ocasiona que as informações a tratar cientificamente se diversifiquem e cresçam rapidamente em volume. Por outras palavras, há muito mais fenómenos e processos a considerar — donde resulta que o conforto teórico é eliminado. Do mesmo passo, as condições de observação e de intervenção — na medida em que a gestão técnica, ou mesmo tecnocrática, das economias e das sociedades se acentua — são igualmente transformadas. Uma forte pressão se exerce no sentido da aplicação dos conhecimentos, o que afinal põe estes à prova e os submete a uma verificação parcial. Mas essa pressão também afecta progressivamente a posição social dos investigadores.

II

VISÃO PROSPECTIVA

a) As Ciências do Homem são arrastadas por dois movimentos de algum modo contraditórios. Por um lado, progredem em rigor, em eficácia metodológica. Alargam, em si mesmas, o domínio da Ciência, apagando progressivamente o sector da especulação contestável. Multiplicam os processos de verificação e elaboram técnicas de «aplicação» dos seus resultados. Por outro lado, porém, estão sujeitas a revisões frequentes, por se encontrarem em presença de um mundo que lhes impõe, pela primeira vez, uma tomada de consciência de *todas* as formas assumidas pela economia, pela sociedade e pela civilização; por outras palavras: lhes impõe a abertura a um universalismo resultante dos factos e não das intenções. Revisões forçadas, outrossim, por um devir histórico que não consente a permanência de ilhéus preservados, porquanto tudo põe em causa: o equilíbrio interno das nações e o sistema das relações internacionais.

Neste jogo de influências contraditórias e de tensões, desenhavam-se sem embargo tendências, que nos permitem raciocinar em parte por antecipação. Numa perspectiva global e simplificada, que abranja o conjunto das Ciências do Homem, como poderemos caracterizá-las?

1. A mais significativa, já antes a mencionámos: cada vez mais, a *prova pelos factos* substituirá a prova pelo raciocínio crítico.

Por motivos diversos mas convergentes — multiplicação e melhor equipamento técnico das investigações, incremento rápido da documentação, ampliação geográfica dos campos de estudo, etc. —, o número dos dados carecentes de tratamento científico vai crescendo rapidamente, enquanto que a sua natureza se diversifica. Os riscos de erro por omissão tendem a ser eliminados.

Doutra parte, os novos métodos de tratamento da informação científica — quer se trate de dados estatísticos numerosos, quer de dados qualitativos expressos em «código» — vão permitir a redução progressiva da *perda de conhecimento científico* que, até ao presente, tem empobrecido a investigação. Nessa medida, a parte da interpretação «livre» e controversa será reduzida.

2. Em resultado dessa primeira tendência, alargar-se-á o campo das certezas científicas que escapam às vicissitudes resultantes das oposições de «escolas». Por outras palavras: um mínimo científico, não sujeito a contestações, será obtido e ir-se-á depois incessantemente ampliando, *na totalidade* das Ciências do Homem.

3. A actual repartição das disciplinas e a protecção das respectivas fronteiras estão condenadas a remodelações profundas.

A aspiração a que se crie *uma* Ciência do Homem Social, mesmo se porventura não favorece a busca da melhor solução, é significativa. Na prática, o que vai suceder é a organização de diversas coalizões de meios e de instrumentos, de acordo com a escala e a natureza dos problemas estudados. A investigação operacional e, sob uma forma muito mais grosseira, os *area studies*, que se têm desenvolvido sobretudo nos Estados Unidos, já hoje nos oferecem uma imagem dessas necessárias coalizões. Uma *area study* é, como se sabe, um conjunto de estudos consagrados a uma dada área geográfica ou cultural, que tem por objectivo congregar o maior número possível de factos significativos, desde o meio natural e a economia, até às expressões ideológicas.

4. A distância entre Ciências do Homem e Ciências da Natureza começa a reduzir-se, sem por isso ser posta em causa a sua especificidade.

As Ciências da Natureza aperceberam-se melhor das suas incertezas, das suas impossibilidades, das incidências da sua experimentação sobre o próprio objecto do estudo, e ainda — o que é mais decisivo — da sua *relatividade*. Foi W. HEISENBERG quem salientou a humildade assim reencontrada: «nos nossos dias — observou —, a Física sofre uma transformação fundamental, cujo principal aspecto é um regresso á sua auto-limitação originária». Em consequência desta evolução, as Ciências do Homem sentem-se menos inferiores ás outras e mais aparentadas com elas.

A percepção de um parentesco é, aliás, reforçada pela descoberta de um «nível» comum aos dois grupos de Ciências, quando se consideram os respectivos processos de conhecimento. Para verificar esta semelhança metodológica, basta comparar, por exemplo, a utilização do método dialéctico nas Ciências do Homem e o uso que, sob o ponto da complementaridade dialéctica, dele fizeram, físicos como Niels BOHR e Louis DE BROGLIE, para resolver os novos problemas que defrontaram.

5. O carácter das opções e decisões que regem a vida das sociedades será modificado, na medida em que as Ciências do Homem definam melhor as suas certezas e incertezas, fixem mais exactamente os limites do determinismo e da liberdade criadora e se mostrem mais seguras dos seus resultados e aplicações.

Não se poderá, então, sustentar a confusão entre factos e preferências, entre as coacções da necessidade e as exigências dos valores. A racionalidade progredirá e o problema das opções — que valores e finalidades prosseguir, no quadro de uma dada situação — será mais claramente definido. A gestão mais rigorosa das sociedades poderá, assim, ser acompanhada por uma exploração mais eficiente do campo aberto á liberdade.

b) Não nos cabe formular aqui profecias, mas enunciar tendências e possibilidades, não só quanto ás Ciências do Homem em si mesmas, mas também quanto á futura posição da sociedade perante elas. De que natureza serão, pois, as questões levantadas e as solicitações dirigidas a essas disciplinas?

1. Num mundo onde os homens, os instrumentos técnicos, os bens e os conhecimentos se multiplicam a um ritmo jamais igualado, os problemas técnicos concernentes á sua «administração» irão progressivamente ocupando os primeiros lugares entre as preocupações dos responsáveis. Este «atrasamento» e esta complexidade das sociedades modernas, só por si e em consequência da sua contínua progressão, já exigiriam uma intervenção crescente das Ciências do Homem aplicadas.

Mas há que levar em conta ainda outros aspectos. As alterações induzidas pelas transformações técnicas e pelo crescimento económico são cada vez mais rápidas e mais numerosas, têm efeitos cumulativos e exigem uma *adaptação* das estruturas materiais da sociedade (cidades novas, urbanização dos campos, etc.), das relações económicas e sociais (socialização parcial da propriedade, planeamento, automatização da produção, etc.), das atitudes colectivas e dos comportamentos individuais. Também neste vasto domínio, as Ciências do Homem serão chamadas a tornar a previsão menos aleatória e a orientar as terapêuticas indispensáveis.

Finalmente, as desigualdades regionais e nacionais, derivadas de uma difusão desigual dos instrumentos do crescimento económico, oferecem o risco de se acentuar e de conduzir à generalização das tensões e das rupturas. Cada vez mais, as Ciências Humanas e Sociais serão levadas a cooperar nos esforços de desenvolvimento. De resto, já procuram fazê-lo; mas com um equipamento intelectual insuficiente.

2. Duas séries de transformações básicas começam a operar simultaneamente e produzirão um mesmo efeito: o *desenraizamento* do homem moderno, perante um mundo que se altera em toda a sua extensão e esboça as primeiras relações com os «outros mundos».

As paisagens urbanas e industriais do futuro, os meios de transporte do porvir, as deslocações empreendidas através do cosmos, etc., suscitarão um duplo desenraizamento: o que provirá do radical revolvimento dos quadros materiais da existência humana e o que a modificação, igualmente total, dos quadros do pensamento surtirá. Trata-se de uma situação à qual o homem moderno terá de adaptar-se. Aquelas Ciências do Homem que, segundo já notámos, asseguram uma preparação para «o exótico», desempenham, sob este aspecto, um papel importante. Paradoxalmente, a nossa Etnologia ajudar-nos-á a conseguir que o futuro se não nos torne «estranho».

3. Por outro lado, não pode duvidar-se de que as Ciências do Homem terão de contribuir para a organização de um *ensino* mais adaptado às exigências do século.

De facto, tornar-se-á necessário consentir numa revolução nos métodos de difusão do saber. As próprias condições do trabalho e a repartição das tarefas a exigirão. A um ritmo cada vez mais rápido, as máquinas eliminarão as competências antigas; e a aceleração do progresso técnico imporá, aos trabalhadores de todos os níveis, sucessivas reconversões. Será, por conseguinte, de conhecimentos polivalentes e duma certa disponibilidade intelectual, mais do que de conhecimentos especializados, que importará dotar

as gerações ascendentes. Aliás, a viragem já começou: alguns empresários começam a preferir colaboradores que saibam sobretudo «servir-se da cabeça» e engenheiros capazes de adaptações rápidas.

Assim, as «humanidades» virão a recobrar a sua antiga função, junto das disciplinas mais novas e de teor científico. Na formação do novo saber-pensar e na invenção, igualmente urgente, do novo saber-existir, a sua cooperação tornar-se-á de novo necessária.

4. Por último, as Ciências do Homem continuarão a realizar a obra que sempre foi a das disciplinas humanísticas.

Para além dos conhecimentos técnicos parciais, elas garantem, por vocação, os reagrupamentos de factos e as sínteses condicionantes da interpretação da aventura colectiva. Para além das transformações radicais, que provocam a desorientação e parecem assegurar a vitória do sem-sentido, elas buscam e revelam as significações que permitem reconciliar o Homem com a sua História. Para além dos limites estreitos dos Humanismos transactos, elas incitam a construir uma civilização capaz de reconhecer as diferenças, sem negar as solidariedades.

(Trad. de A. de Oliveira Nunes)